



## Refletindo os percalços do protagonismo estudantil: uma abordagem psicopedagógica<sup>1</sup>.

Janaina Santos de Sousa; Maria Eliana Soares

*Licencianda em Matemática; Mestre em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas; Universidade Federal do Pará ([janasantos1702@gmail.com](mailto:janasantos1702@gmail.com)); Universidade Federal do Pará ([marianaile2011@hotmail.com](mailto:marianaile2011@hotmail.com))*

### Resumo

Como estudante de Matemática egresso de escola pública, e professora de educação básica, nos preocupamos com essa realidade. Assim, partindo de uma palestra intitulada “Corresponsabilidades na educação escolar” proferida para estudantes do 3º ano do Ensino Médio, com o intuito de motivá-los no processo educativo, desenvolvemos momentos descontraídos, dentre estes uma Dinâmica interativa, para diagnosticar situações da vida real dos estudantes que interferem na sua aprendizagem, motivadas pela indagação: Que fatores podem interferir no processo de aprendizagem dos estudantes, inibindo o protagonismo estudantil? Para tanto, nos propusemos a analisar elementos intra e interpessoais dos estudantes, a partir de registros iconográficos de seus sentimentos, sobre sua realidade educativa, familiar e afetiva, sob os fundamentos de Patto (1999); Hetkowski, Nascimento (2009), que discutem psicologia social; Camargo (2005); Furlani (2007), sobre relações afetivas; dentre outros, que apresentam e discutem fatores que afetam direta ou indiretamente a formação dos jovens influenciando no protagonismo estudantil.

**Palavras-chave:** Psicologia da Educação. Ensino. Aprendizagem. Protagonismo estudantil.

### Introdução

A realidade escolar atualmente está recheada de relações intra e extra escolares que geram sentimentos e atitudes demonstrando desarmonia entre o que se tem e o que se quer da educação. Nesse sentido, Patto (1999) nos chama atenção para a necessidade de questionarmos o discurso do fracasso culpando aluno ou sua família, de modo a considerarmos a proporção de determinantes institucionais e sociais que causam problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, indo de encontro com os aspectos psicologizantes, da carência cultural e das dificuldades de aprendizagem.

No entanto, não deve ser o professor o principal responsável em combater o fracasso escolar, pois são várias as razões das dificuldades de aprendizagem dos estudantes de camadas populares, como evidencia Patto (1999), dentre elas, as condições sociais, a inadequação da escola, bem como a insensibilidade desta sobre a realidade de seus educandos, o que resulta na distância entre estes e a cultura escolar. Daí a necessidade do próprio aluno, tornar-se o responsável por sua aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Atividade psicopedagógica realizada na disciplina Estrutura e Funcionamento da educação Básica, como complementação teórica e prática.



Nossa perspectiva, os estudantes foram envolvidos numa autoanálise sobre a qualidade de sua aprendizagem, sua relação com os professores, a participação dos pais na escola, a continuidade da escolarização, a perspectiva de ingresso no ensino superior, dentre outros, que podem contribuir ou implicar na construção de um projeto de vida.

## 1. Materiais e métodos

Este estudo de abordagem qualitativa nos aproxima de Bogdan e Biklen (1982) apud (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12), que definem esse tipo de abordagem partindo do fato que esse tipo de pesquisa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”, tendo como unidade para análise o que Gomes (1986) define de unidades de contexto, ao referenciar a comunicação enunciada durante a atividade, e isso evidencia que devemos compreender o contexto da mensagem dos participantes.

A reflexão se fundamenta na análise do conteúdo buscando compreender “[...] para além dos seus significados imediatos [...]” (BARDIN, 2011, p. 34), isso porque, a Análise de Conteúdo se define como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 308).

Para o registro de nossas percepções consideramos fatores que tem afetado a realidade social, contudo, enveredamos pela “análise de um estado psicológico” com base na análise por categorização indicado por Bardin (2011, p. 155), para a qual consideramos a homogeneização e a pertinência como principais critérios analíticos.

## 2. Resultados e Discussões

Para a Dinâmica interativa os participantes receberam uma folha de papel A4, e foram orientados para dobrá-la ao meio, em seguida deveriam de um lado desenhar algo que representasse o que sentem por seus pais, sua família, e, no outro, escrever o que mais lhe incomoda seja na vida pessoal, social ou escolar.

Do universo de aproximadamente 80 estudantes, coletamos uma amostra de 33 produções, por não ser obrigatória a participação na atividade. Percebemos que a dinâmica foi de suma importância em nossa palestra, pela qual os estudantes puderam expor seus sentimentos sem se identificar e ainda ouviram sugestões e conselhos dos seus pares, numa dinâmica de ajuda mútua. Os problemas mais evidentes foram a



Conforme a figura 1, a classificação das produções deu-se pela homogeneidade e relevância entre as mesmas, de modo que, 12 estudantes desenharam apenas corações para representar seus sentimentos pela família, 13 estudantes desenharam corações com palavras, frases e outros elementos informativos, que caracterizam a família completa, o que fica explícito a questão afetiva familiar daqueles jovens, que talvez por não conseguirem expressar seus sentimentos no seio familiar, não significa que haja amor.

**Figura 1:** Classificação dos registros na dinâmica interativa.



**Fonte:** Registros coletados durante a dinâmica

As produções diversas, que no gráfico representam 14% consistem em desenhos bastante expressivos, alguns demonstrando com clareza por meio de um símbolo apenas aquilo que lhes incomoda, como o desenho do símbolo monetário **R\$**, evidenciando o reflexo da situação financeira na vida do participante, realidade que se aplica a maioria dos estudantes da escola pública.

A má distribuição de renda, pela qual se efetiva a desigualdade social, e, conseqüentemente, implica nas condições de aprendizagem dos estudantes, condicionando muitos deles ficar a margem das oportunidades. A escola é um espaço social e, portanto, reflete sobre o seu chão todas as mazelas da sociedade, causadas por fatores sociais, interpessoais ou intrapessoais.

Ao primeiro fator, *os sociais*, poderíamos elencar vários elementos que influenciam diretamente a vida dos jovens da atualidade, mas direcionamos a questão econômica, pela selvageria do sistema capitalista que por vezes força estudantes a afastar-se da escola pela sobrevivência, ou mesmo pelos elementos mercadológicos que permeiam o sistema educacional. A educação não é um produto de mercado, e “[...] A escola não é uma empresa. O aluno não é cliente da escola, mas parte dela [...]” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2011, p. 117).



Por outro lado, os mecanismos tecnológicos também têm ocupado mais o tempo dos jovens, seja como entretenimento, seja para simples comunicação nas redes sociais, ou pela carência afetiva, “aproximando-os” de amigos virtuais, alimentando um círculo de “amizade solitária”, que vem “assumindo a emergência de novas sociabilidades decorrentes do desenvolvimento dos aparatos tecnológicos, tem privilegiado o estudo das relações que se estabelecem dentro e a partir dessa comunicação galáctica” (HETKOWSKI; NASCIMENTO, 2009, p. 146).

Com relação ao segundo aspecto, as *relações interpessoais*, encontram-se muito mais vulneráveis pela dinâmica familiar da modernidade, na qual as mulheres têm cada vez mais assumindo as rédeas da família, criando os filhos sozinha, e, conseqüentemente, os filhos têm sofrido a ausência tanto da paternidade quanto da maternidade, uma vez que as mães precisam trabalhar para dar o sustento dos filhos, não conseguindo assumir nenhum dos papéis. Essa dinâmica familiar coloca em cheque as relações interpessoais, ultrapassando os limites dos espaços familiares, recaindo sobre a escola, que, não tem conseguido relacionar os conceitos e conteúdos curriculares a realidade social, causando estranheza na ação educativa e na qualidade do ensino.

Não desvinculado as questões anteriores, sobre o terceiro aspecto, o *intrapessoal*, as crianças, adolescentes e jovens, pela realidade em que se encontram buscam adaptar-se da maneira que lhes convêm, buscando refúgio nos aparatos tecnológicos, para fugir da solidão, seguindo exemplos que lhes são acessíveis, consequência disso, muitos tornam-se introspectivos, cujos comportamentos camuflam a sua realidade social e afetiva.

Exemplificando que a escola carrega o peso das relações sociais, várias expressões foram percebidas durante a Dinâmica interativa, algumas como uma espécie de ironia, de desabafo, e outras mais emotivas, denunciando sentimentos mais íntimos, em tom de desesperança, sentimentos ocasionados da realidade social em que se encontram retratando claramente as emoções. Sobre a diferença entre emoções e sentimentos, explicita Amaral (2007, p. 7) que “Os sentimentos diferem das emoções por serem menos intensos, mais duradouros, e não serem acompanhados de manifestações orgânicas intensas”. As emoções se evidenciam pelos aspectos emotivos.

Os sentimentos evidenciados nos enredos, como a decepção, o medo e a carência, deixam claro o peso dos sentimentos que se manifestam em comportamentos, que quando mal interpretados podem causar prejuízos a educação escolar, podendo ser confundidos com indisciplina e rebeldia, comportamentos que nos incomodou ao



primeiro contato com os estudantes. Por esta atividade tivemos a oportunidade de rever nossos conceitos num sentimento de empatia, e de reflexão sócio afetiva e emocional.

Conforme Amaral (2007) a “Psicologia nos informa que nossa vida afetiva ou nossa afetividade é o conjunto de todos os nossos sentimentos, emoções, humores, paixões, sejam eles “positivos” ou “negativos” (AMARAL, 2007, p. 2), porque sentimentos e emoções não se separam, evidenciam-se na mesma proporcionalidade.

Nesse aspecto, não dá para atribuir ao papel social da escola àqueles que expressaram sobre dificuldades de concentração, mudança de cidade, moradia, trabalho, falta de amigos, e até a tecnologia como motivo para atrapalhar os estudos. Sobre este último fator, Furlani (2007, p. 19) esclarece que pela indefinição de valores pela maioria dos jovens “[...] que se encontra em uma fase da vida onde predomina a contestação aos valores parentais e da própria sociedade como um todo, ele torna-se um ser mais vulnerável a essa influência”. Sendo assim, a tecnologia pode ser uma arma perigosíssima para os jovens, e influenciadora do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, não sendo apenas a escola, bem como a família os responsáveis pelo ensino e aprendizagem de qualidade, mas os próprios estudantes, que devem se apropriar de sua realidade, a partir de um empoderamento estudantil, superando suas emoções e sentimentos e sentindo-se responsáveis por sua formação.

## Considerações finais

Ao depararmos com fatores externos e internos que podem afetar na formação cidadã e inibir o protagonismo de estudantes da escola pública consideramos a interação professor-aluno como elemento eficaz no ensino-aprendizagem, considerando a realidade de cada estudante e os reflexos sociais e afetivos que influenciam nesse processo. Aos professores, cabe-lhes mensurar que o mundo é cheio de possibilidades, que boas ações hoje podem fazer a diferença. É importante que os educadores se adequem a um novo modelo de ensinar, pois sabemos que o mundo evoluiu e continua evoluindo e por isso os professores não podem ficar estagnados.

Como um dos principais responsáveis pela formação do caráter de um bom cidadão, a família não pode se eximir de suas responsabilidades, assumindo-as também no âmbito escolar. É importante que a família fique atenta sobre as amizades dos seus filhos, acompanhá-los na escola, dialogar com os professores sobre o processo educativo, e o mais importante, o apoio moral na vida pessoal e estudantil dos filhos.



Ao assumirmos, cabe entender que a decisão de um futuro melhor depende de cada um assumir que a responsabilidade também é sua ao longo do processo de aprendizagem. E com isso, os mesmos devem mobilizar-se para romper as barreiras, encarar os desafios existentes e através de seus esforços procurarem evoluir em conhecimento e conseqüentemente como cidadão.

Sabemos da responsabilidade que assumimos na Educação Básica, seja como estudante ou como professora atuante, e reconhecemos que grandes são os desafios a enfrentar, mas se fizermos a nossa parte, conseguiremos dar um novo rumo a educação.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Vera Lúcia. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRRN, 2007. 208 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

FURLANI, Daniela Dias. **Juventude e afetividade**: tecendo projetos de vida Dissertação (Mestrado em Psicologia – Universidade Federal do Ceará). Fortaleza, UFC, 2007. Disponível em

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6784/1/2007-DIS-DDFURLANI.pdf>.

Acesso em 19/09/2017.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HETKOWSKI, Tânia Maria; NASCIMENTO, Antônio Dias. **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. 400 p.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 408 p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagem qualitativa. Temas básicos de educação e ensino. E.P.U. São Paulo, 1986.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar**: historias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos (re)construção de uma trajetória. **Revista Alea**: estudos neolatinos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2005